

Resumos das comunicações dos convidados na Conferência do Grupo de Trabalho Sistemas de Informação da BAD

O Acesso à Informação nos Museus: que especificidades?

Fernanda Ribeiro

Universidade do Porto – Faculdade de Letras / CIC.Digital (Porto)

Encarando os Museus, a par dos Arquivos e das Bibliotecas, como serviços culturais e como “instituições de memória”, apresenta-se uma visão integrada e sistémica, que acentua o seu carácter de repositórios de documentos e artefactos e que tem implícita a ideia de serviços de informação. A informação produz-se/adquire-se, organiza-se, conserva-se, disponibiliza-se e é pesquisada pelos utilizadores, de uma forma idêntica em arquivos, bibliotecas e museus e, por isso, a tendência é para harmonizar normas e procedimentos, mantendo as especificidades próprias de cada sistema de informação. Discutem-se, pois, os pontos em comum no que toca à organização e recuperação da informação nos museus, fazendo um paralelismo com os arquivos e as bibliotecas, e confronta-se a visão tradicional (tecnicista e normativista), que tem dominado, com uma nova perspectiva em que os utilizadores da geração do Google e das redes sociais impõem práticas de acesso e uso da informação que “ameaçam” e desafiam os profissionais.

A colecção de Museu como Sistema de Informação e como Semióforo

Armando Malheiro da Silva

FLUP e CIC.Digital

Nesta comunicação pretende-se reflectir sobre um conceito basilar da Museologia – a colecção – que também foi adoptado na Biblioteconomia, significando, em ambos os espaços institucionais e técnico-profissionais, a reunião aleatória, dileitante, patrimonial e avulsa de objectos tridimensionais vários, incluindo obras de arte e publicações impressas, em contraponto à noção de fundo, proposta a partir de 1841 para a Arquivística, que implica a reunião sistemática e organizada de documentos de acordo com um propósito administrativo-institucional. A introdução da noção de documento na terminologia museológica a partir do legado teórico de Paul Otlet e mais precisamente através do famoso exemplo do antílope da documentalista francesa Suzanne Briet, aproximou mais o Museu da Biblioteca, mas não resolveu questões práticas como a da normalização e integração descritivas dos objectos do Museu com os da Biblioteca. Um impasse que tem sido alimentado pela ausência de uma radicalização conceitual em torno de uma noção operatória incontornável hoje – a informação. A partir daqui importa trabalhar com os conceitos complementares de Sistema de Informação e de Semióforo.

Palavras-chave: Museu, Biblioteca, Arquivo, Coleção, Documento, Sistema de Informação e Semióforo

Abrastact

This communication is intended to reflect on a basic concept of Museology - the collection - which was also adopted in librarianship, meaning, in both institutional and professional spaces, random meeting, dilettante, cultural heritage and spare several three-dimensional objects, including artwork and printed publications, in contrast to the “fundo” (group) notion proposal from 1841 for Archival Science, which involves the systematic and organized meeting documents in accordance with an administrative-institutional purpose. The introduction of the document notion in museological terminology from the theoretical legacy of Paul Otlet and more precisely through the famous example of antelope by the french documentalist Suzanne Briet, closer Museum to the Library, but did not solve practical issues such as standardization and integration descriptive of museum objects with them from Library. A deadlock that has been fueled by the absence of a conceptual radicalization around an unavoidable operative notion today - information. From here matter to work with the complementary concepts of Information System and Semióforo.

A importância das normas para os museus e seus sistemas de informação

Alexandre Matos

Membro da direcção do CIDOC-ICOM

alexandrematos@mac.com

A informação sobre o património cultural, em especial a informação sobre as colecções de museus, é um bem tão importante quanto o próprio património a que corresponde. A sua inexistência, perda ou má gestão são prejudiciais em diversos aspectos. Desde logo no contributo que essa informação pode dar para a criação de conhecimento, para a compreensão da nossa história ou, entre diversos outros factores, pela forma como pode ser utilizada em sectores específicos que possibilitam a exploração económica do património cultural como o turismo ou a indústria de jogos.

Desta forma cabe-nos, enquanto profissionais, assegurar e manter a qualidade da informação disponível sobre o património cultural que os museus guardam. Para o fazer com os critérios qualitativos essenciais, independentemente do desenvolvimento tecnológico a que temos assistido nas últimas décadas, não há melhor forma do que utilizar normas que nos permitam recuperar a informação e potencializar a sua utilização e reutilização nos mais diversos fins. Normalizar, tal como disse Nick Poole, não é tornar igual a informação, mas sim potenciar a sua utilização e reconhecimento.

Procuraremos mostrar, nesta apresentação, alguns exemplos práticos da utilização de normas no contexto da documentação de colecções museológicas.

A Organização de Conhecimento em Museus e a Produção de Objetualidade nas Colecções de Design

Alice Semedo

Universidade do Porto – Faculdade de Letras / Departamento de Ciências e Técnicas do Património

Sandra Senra

Investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Esta comunicação discute questões relacionadas com organização do conhecimento sobre objetos e colecções de design em museus e outras organizações que se dedicam à sua investigação, divulgação, premiação, classificação/protecção, assumindo que estas práticas apresentam dimensões materiais e sociais que desempenham um papel importante na formação dos mundos sociais e produção de objetualidade. Analisam-se, especificamente, algumas opções que apoiam a definição deste campo de estudo (design) e das práticas de gestão de colecções em museus que lhe estão associadas, a fim de lançar luz sobre as lógicas delineadoras desenvolvidas por estas instituições a propósito da natureza dos objetos e colecções de design.

O Museu como sistema de informação e comunicação: perspectivas e desafios

Patrícia Remelgado

Pporto.pt

A importância da gestão de colecções no contexto museológico é globalmente reconhecida e, cada vez mais, um tema a que se dedicam inúmeros profissionais do sector como é possível verificar, por exemplo, nos trabalhos de investigação desenvolvidos nessa área. Acresce que esta tendência não é apenas um exercício teórico, procurando simultaneamente traduzir-se em abordagens de carácter prático e, não raras vezes, interdisciplinares, onde o conhecimento científico das colecções convive com princípios e metodologias do campo da Gestão.

O inventário do Património Cultural é uma condição essencial ao seu conhecimento, estudo, protecção, valorização e divulgação junto dos públicos, mas com desafios cada vez mais exigentes numa sociedade global onde as ferramentas de comunicação assumem um papel preponderante. A facilidade com que estas ferramentas podem ser utilizadas e desenvolvidas, assim como a visibilidade que lhes está associada, tornou a sua utilização uma prática comum, não só na óptica da produção dos conteúdos, como também na perspectiva de quem os consome e, também muitas vezes, contribui para a sua construção. E, neste contexto, assistimos a uma dinâmica que conjuga diferentes disciplinas e saberes: os Museus, enquanto uma das mais importantes organizações

culturais; o Marketing, enquanto uma técnica ao nível da Gestão; a Comunicação, enquanto processo de relacionamento com os públicos; as Tecnologias da Informação, enquanto um manancial de instrumentos inquestionável. Efectivamente, a forma como nos relacionamos com o mundo e, em última análise, com os outros, alterou-se radicalmente, potenciada pelas ferramentas disponibilizadas pela tecnologia, nomeadamente no contexto da web 2.0. É, indubitavelmente, uma mudança de carácter tecnológico, mas também uma alteração de paradigma que envolve novas formas de produção, partilha e difusão e do conhecimento, para além da emergência de uma cultura mais participativa. Os museus têm, necessariamente, de se enquadrar nesta nova realidade, tão exigente quanto desafiadora, até pelo grau de imprevisibilidade que lhe está associado e, também, pelo ritmo de informação e mudança que a caracteriza.

Resumos das comunicações do trabalho do GT-SIM

Tradução do documento Cataloguing Cultural Objects (CCO)

Cristina Cortês

GT-SIM

Emerging CCO cataloguing practice has resulted in a significant body of records from these museum and image library communities headed for LAM (library/archive/museum) integrated access environments. (Coburn, Lanzi, O'Keefe, Stein, & Whiteside, 2010, p. 2)

O manual Cataloguing Cultural Objects (CCO)¹ foi desenvolvido pela Visual Resources Association (VRA), em 2006. Tem como objetivo promover e divulgar as boas práticas na catalogação de recursos visuais, pelas comunidades das **bibliotecas**, **arquivos** e **museus**, a nível internacional (Baca, Harpring, Lanzi, McRae, & Whiteside, 2006). Está dividido em duas grandes áreas: uma em que determina os elementos a figurar no registo e uma outra que aborda as autoridades. É na primeira parte que são referenciados os requisitos mínimos para a identificação de uma obra e na segunda parte os requisitos mínimos para as autoridades.

Para além da descrição da unidade informacional o CCO, à semelhança do que acontece com as Regras Portuguesas de Catalogação (RPC), permite escolher a forma

¹ Disponível em: http://cco.vrafoundation.org/index.php/toolkit/cco_pdf_version.

dos pontos de acesso. Este código está ainda na base da estrutura do formato de representação da metainformação, para a área do museu, o **VRA core**² (VRA, 2007). Este foi desenvolvido em 1996 pela *Visual Resources Association's Data Standards Committee* para a representação da informação relativa ao património cultural. Efetivamente, no que concerne ao tipo de formatos de representação da metainformação o VRA core está para o museu, tal como o Encoded Archival Description (EAD) está para o arquivo e tal como o UNIMARC está para a biblioteca.

A aplicação do CCO nas comunidades LAM é já uma realidade e são exemplos os projetos de harmonização do CDWA Lite³ e o esquema de representação XML do museumdat, a aplicação do CCO na Society of Architectural Historians Architecture Resources Archive (SAHARA) ou ainda a integração do CCO na catalogação de obras de arte e cultura nas coleções da Morgan Library and Museum (New York, United States) (Coburn et al., 2010).

Neste contexto, e tendo em conta a sua amplitude e abrangência para as comunidades LAM o GT-SIM delineou como um dos pontos estratégicos de ação a tradução deste manual. O projeto teve início em 2013 e vai ser disponibilizado na **Conferência do Grupo de Trabalho de Sistemas de Informação em Museus da BAD**. Contou com a participação e colaboração na tradução de Leonor Borges, Olga Silva, Rafael António, João Paulo Constância e Paula Moura, na revisão com Fernanda Ferreira e João Pinto. Irá estar disponível gratuitamente tanto no portal da BAD como na VRA Foundation, sob a forma eletrónica.

Bibliografia

Baca, M., Harpring, P., Lanzi, E., McRae, L., & Whiteside, A. B. (2006). *Cataloging cultural objects : a guide to describing cultural works and their images*. Book, New York: ALA.

Coburn, E., Lanzi, E., O'Keefe, E., Stein, R., & Whiteside, a. (2010). *The Cataloging Cultural Objects experience: Codifying practice for the cultural heritage*

2 O VRA core é um dos formatos de representação utilizados no Museu e encontra-se disponível em: <http://www.loc.gov/standards/vracore/>

3 CDWA Lite XML schema - Categories for the Description of Works of Art Lite . De acordo com Trust (Trust, 2009, p. 1) o CDWA tem como objetivo contribuir para a unificação dos catálogos e outros repositórios, através do OAI - Open Archive Initiative harvesting protocol. Utiliza o XML schema para descrever a sua metainformação, obtida pela descrição das obras de arte e material cultural, baseado no CCO e no CDWA

community. *IFLA Journal*, 36(1), 16–29.
<http://doi.org/10.1177/0340035209359561>

Trust, J. P. G. (2009). Categories for the Description of Works of Art (CDWA) : list of categories and definitions. Electronic Book, Los Angeles (CA): J. Paul Getty Trust & College Art Association, Inc. Retrieved from http://www.getty.edu/research/publications/electronic_publications/cdwa/definitions.pdf

VRA. (2007). VRA Core : a data standard for the description of works of visual culture [Electronic Book]. Retrieved from <http://www.loc.gov/standards/vracore/>

Tradução de guias técnicos para a implementação da norma SPECTRUM na gestão das coleções de museus

Alexandre Matos

GT-SIM

Catálogo, Controlo de movimentos, Documentação retrospectiva, Empréstimos (entrada e saída), Entrada de objetos, Incorporação e Saída de objetos são tarefas comuns na gestão das coleções dos museus. Independentemente da tipologia ou escala dos museus é essencial que naqueles momentos a documentação das coleções seja criteriosa, eficiente e feita com os poucos recursos normalmente existentes nos museus. Neste sentido, os profissionais de museus têm criado normas para a documentação das coleções que pretendem facilitar a recolha de informação histórica e administrativa sobre a cultura material que possibilite a sua utilização para os mais diversos fins.

A norma SPECTRUM foi criada pela comunidade museológica do Reino Unido com esse fim, definindo os procedimentos que devem ser utilizados em cada um dos momentos acima descritos. A norma foi traduzida para Português numa colaboração entre o Museu da Ciência de Coimbra e a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, mas a sua aplicação carece de alguns documentos de apoio, os Guias práticos de implementação do SPECTRUM, que foram traduzidos com a contribuição de diversos profissionais de documentação, e agora se tornam públicos para apoio à comunidade museológica nacional.

Alexandre Matos, Ana Braga, Catarina Serafim, Cristina Cortês, Eugénia Correia, Juliana Rodrigues Alves, Leonor Calvão Borges, Paula Aparício, Paula Moura, Olga Silva e Rafael António deram o seu importante contributo para este trabalho que agora apresentamos.

Os vocabulários controlados na organização e gestão do património cultural: guia de boas práticas

Filipa Medeiros

GT-SIM

Esta comunicação tem como principal finalidade dar a conhecer o trabalho desenvolvido pela sublinha de Terminologias do Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus (GT-SIM), no triénio 2013-2016.

Apresenta-se uma proposta de guia de boas práticas para a utilização de vocabulários controlados na organização e gestão do património cultural, numa dupla vertente: fundamentos teóricos (definição, objetivos, caracterização, tipologias) e aplicação prática (projetos de referência, com incidência na realidade portuguesa; interoperabilidade e divulgação).

Dá-se, ainda, a conhecer uma base de dados de vocabulários controlados, tendo como base o sistema de gestão bibliográfica zotero, e algumas experiências de pesquisa e recuperação de informação com este recurso.

Com esta comunicação pretende-se sensibilizar os profissionais das instituições de memória para a importância da utilização de linguagens controladas na catalogação relativa ao património cultural, tendo em vista uma representação e recuperação consistente e uniforme da informação. Para além disso, tenciona-se partilhar um conjunto de ferramentas e de recursos a uma comunidade mais alargada de profissionais, tendo em vista a sua otimização.

Diagnóstico relativo aos sistemas de informação nos museus portugueses

Jorge Santos

GT-SIM

O Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus (GT-SIM) procura pensar o museu como um centro de produção de conhecimento, ao assumir o objeto museológico como documento e entender toda a informação associada ao museu, desde o acervo existente nas exposições, reservas, biblioteca/centro de documentação e arquivo, como um todo unitário nas suas inter-relações informacionais.

As questões relacionadas com a gestão da informação vêm mobilizando crescente interesse, debate e estudo entre os profissionais dos museus e a comunidade académica, no entanto, apesar disso, são ainda escassos os estudos a nível nacional que abordam este tema. Perante tal facto, o GT-SIM sentiu a necessidade de promover o levantamento e caracterização dos museus portugueses no que diz respeito às áreas da gestão da informação dos seus vários acervos, para assim poder desenhar um

quadro global desta realidade.

Nesse sentido, procura-se nesta comunicação avançar alguns dos resultados do Estudo Diagnóstico relativo aos sistemas de informação nos museus portugueses, realizado pelo GT-SIM durante o primeiro semestre do ano de 2016. Tem como principal instrumento de recolha de informação um inquérito por questionário em plataforma especializada online dirigido a uma amostra do universo museológico nacional.

Para a concretização do presente Estudo, muito contribuíram Jorge Santos, Conceição Serôdio, Patrícia Costa, Fernanda Ferreira, Ana Margarida Silva e Maria Manuel Velasquez.

Recursos de informação, conferências e divulgação

Fernanda Ferreira

GT-SIM

Esta comunicação tem como principal objetivo apresentar o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Trabalho Sistemas de Informação em Museus (GT-SIM) da BAD desde 2012 na partilha e divulgação de recursos de informação, projetos e iniciativas.

As três linhas de atuação agora apresentadas – informação, formação e divulgação -, assentam no desafio do GT de constituir-se como uma plataforma de reflexão e dinamização do diálogo e articulação entre todos os profissionais da informação no universo dos acervos museológicos.

Para além do Centro de Documentação Virtual disponível para todos os membros do GT-SIM, com recursos de informação relacionados com as áreas de investigação, que pretendemos que seja um instrumento útil de apoio à gestão de informação nos museus, têm sido proporcionados seminários, webinars, participações em encontros e conferências que pretendem dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelos membros do grupo de trabalho.

Assinalamos ainda o esforço empreendido pela equipa na divulgação através de diferentes meios de comunicação e das redes sociais.